

1º SUBSCRITOR  
CPI DA JSD/FAIAL

A close-up photograph of a person's hand holding a small green plant with several leaves. The plant is supported by a horizontal wooden stick. The background is a soft, out-of-focus green field. The overall image conveys a sense of environmental care and nature.

**EM PROL DA  
NATUREZA E DA  
BIODIVERSIDADE  
AÇORIANA**

Todos nós sabemos a relevância da natureza das nossas ilhas.

A natureza Açoriana ganha grande importância na nossa vida principalmente devido ao turismo, que com o seu produto multifacetado estimula as mais diversas áreas da nossa economia. Outrora, com a opulência dos jardins e das suas espécies exóticas, a beleza das paisagens Açorianas resumia-se às belas hortências que contrastavam na tela verde das nossas ilhas de Bruma, a população açoriana criou fortes ligações com estas paisagens humanizadas, como uma identificação cultural. Isto levou à partilha de muitas imagens, fotografias, bilhetes e postais com espécies introduzidas, estando estas ainda fortemente vinculadas à imagem promocional açoriana.

Nos dias de hoje, com a crescente sensibilização ambiental e valorização do património natural açoriano, tenta-se criar uma nova imagem para os Açores: a imagem de uma natureza única e rara, que deve ser preservada.

Os Açores são um verdadeiro Oásis da biodiversidade, e mais concretamente da biodiversidade florística. São o ponto de encontro de espécies de plantas únicas, provenientes dos continentes e ilhas que os rodeiam, algumas delas com milhões de anos e já extintas nos seus locais de origem. Este encontro criou comunidades vegetais onde coabitam plantas mediterrânicas, africanas, euro-siberianas e americanas.

Depois de chegarem aos Açores, algumas destas plantas tornaram-se endémicas, ou seja, únicas deste Arquipélago, quer seja porque se extinguíram em todos os locais de origem à exceção dos Açores, como é o caso da vidália, de nome científico *Azorina vidalii*, ou porque adquiriram características únicas por adaptação às condições aqui existentes, distinguindo-se assim da espécie original. Exemplo disso é o azevinho açoriano – *Ilex azorica* –, que se adaptou ao facto de não existirem predadores que comem as suas folhas quando este se estabeleceu nas ilhas açorianas e, por isso, não havendo necessidade de se proteger com os seus picos, desenvolveu folhas quase sem picos.

A importância da Flora Açoriana vai muito para além da sua raridade, é essencial perceber que a natureza é uma complexa rede de relações onde todos os seres vivos desempenham um papel fundamental para o equilíbrio dos ecossistemas, basta uma pequena mudança num dos elos ou elementos dessa complexa rede para provocar um desequilíbrio que acabará por ter repercussões graves no ecossistema e consequentemente, no Homem, que embora por vezes se esqueça, também faz parte desse ecossistema.

Por exemplo com caso da Flora Natural dos Açores, esta serve de abrigo e alimento para muitas aves açorianas e a sua destruição pode levar à extinção destas espécies de aves, como aconteceu em São Miguel, em que a crescente destruição da Floresta Laurissilva Açoriana levou quase à extinção do Priolo, uma ave endémica desta ilha, na altura considerada o passeriforme mais ameaçado de extinção em toda a Europa. Hoje, e após a recuperação de uma parte do habitat do Priolo, através de Programas LIFE, que permitiram a conservação e restauração da ameaçada floresta de Laurissilva dos Açores, nas zonas mais importantes de ocorrência do Priolo, esta espécie passou de “ameaçada de extinção” para “vulnerável” com tendência a se tornar uma população “estável”.

Desde o início do povoamento das ilhas, por volta do sec. XV e XVI, a vegetação natural dos Açores foi alvo de destruição, inicialmente para autoconsumo e posteriormente para exportação. Numa época em que o conceito de sustentabilidade era inexistente, a exploração dos recursos naturais das ilhas, levaram à destruição desmedida de uma grande parte do coberto arbustivo e arbóreo nativo para dar lugar aos povoados, campos agrícolas e pastagens.

Já no sec. XIX, a crescente introdução de plantas exóticas para a composição dos jardins românticos existentes nesta época, vieram agravar o problema, uma vez que algumas das espécies introduzidas acabaram por se tornar invasoras, escapando dos seus locais de cultivo e propagando-se de forma rápida e descontrolada.

Atualmente, cerca de três quartos das plantas existentes nos Açores são exóticas, sendo que parte delas têm carácter invasor, isto é, as plantas invasoras são plantas exóticas (introduzidas pelo Homem de forma intencional ou não) que competem pelos mesmos recursos que as espécies nativas dos locais. Estas espécies agressivas têm uma elevada capacidade de se reproduzir, dispersar, estabelecer e crescer rapidamente, invadindo assim as comunidades de plantas e ecossistemas nativos.

A melhor forma de geri-las é prevenir as invasões, detetar os focos de invasão, intervencionar as áreas invadidas e mitigar os impactos que essas possam ter. Aqui, a educação ambiental assume também um papel fundamental na difusão de conhecimento nesta matéria, sensibilizando a população para as consequências da introdução destas espécies no meio ambiente.

Para além dos impactos ecológicos e ambientais, estas plantas têm diversos impactos económicos, sociais e culturais nos locais que invadem, por exemplo, podem ser vetores de doenças ou provocar diretamente problemas de saúde (como a asma, dermatite e alergias), podem danificar infraestruturas e instalações recreativas, provocar danos na silvicultura ou causar perdas na agricultura e requerem um grande investimento para o seu controlo e erradicação.

Devido ao grande esforço das entidades competentes para a sensibilização da população para este problema, hoje, muitos de nós já sabemos que nem todo o “verde” é bom, nem todas as plantas são uma mais valia para a biodiversidade e riqueza das ilhas.

A população Açoriana está cada vez mais desperta para estes problemas e preocupada em ter uma abordagem mais ecológica no seu dia-a-dia e nos seus jardins e explorações agrícolas. Cada vez mais são aqueles que procuram as plantas naturais das ilhas, em alternativa às plantas invasoras ou exóticas, para plantarem nos seus jardins, quer seja para ornamentar ou simplesmente para a criação de bardos.

Estamos a perceber que todo o trabalho de sensibilização que se tem feito ao longo destes anos está a resultar.

Agora é tempo de passar da teoria à prática! Há tanto ainda por fazer!

Não podemos continuar a apelar e proibir o uso de espécies exóticas invasoras e não oferecer alternativas!

Tem que haver legislação e uma entidade que regule, de forma coerente e racional, a distribuição e utilização de plantas nativas e endémicas nos jardins e paisagismo açoriano, que defina as diferentes espécies de plantas nativas e endémicas que podem ser utilizadas em jardins em função da sua localização, respeitando sempre a genética e o seu habitat de origem. Devem ainda serem definidos os viveiros que darão resposta a esta procura.

Deveríamos incentivar também a utilização da vegetação nativa e endémica na divisão de terrenos agrícolas e de pastagem, contribuindo para a criação de um “*Continuum Naturale*”, ou seja, um sistema natural, contínuo, de corredores verdes ecológicos, que permita o funcionamento e desenvolvimento dos ecossistemas promovendo assim a biodiversidade.

Esta prática pode ser estendida também às autarquias e entidades públicas, por exemplo através do incentivo à plantação de vegetação nativa e endémica nas zonas ruderais e de baldios, nos jardins e parques e até mesmo nas áreas urbanas, utilizando a vegetação açoriana com maior potencial ornamental, contribuindo assim para o embelezamento destas áreas e para o aumento da biodiversidade.

Outro problema resultante da introdução de plantas exóticas nas ilhas é a introdução de pragas predadoras de plantas, que por vezes chegam com essas plantas, de forma acidental, como foi o caso da praga cochonilha.

Com o aumento exponencial dessas pragas, o Homem tem a necessidade de utilizar pesticidas que efetivamente eliminam as pragas, mas também erradicam os insetos auxiliares, como as joaninhas, que são os grandes predadores dessas pragas, diminuindo assim a biodiversidade de insetos e contribuindo para a proliferação das pragas, devido à carência de predadores que as controlem de forma natural.

Neste sentido, o governo em conjunto com a Universidade dos Açores poderia analisar e estudar a possibilidade de ser utilizado o controlo biológico, como principal método de combate a pragas, através da disponibilização e utilização dos seus predadores naturais.

Este projeto tinha que ser pensado de forma a serem utilizados apenas insetos nativos, evitando a instrução de espécies exóticas que poderão se tornar elas próprias, pragas.

Todas estas iniciativas e boas práticas requerem fundos, e constituem uma mais valia para o turismo de ambiente, que é o turismo de excelência dos açores, pelo que, uma boa forma de financia-las seria através da aplicação de uma taxa turística, seguindo assim o exemplo de sucesso de muitas cidades europeias.

Estas taxas teriam um valor simbólico que seria canalizado para os serviços ambientais, aliando assim o turismo e ambiente, unindo esforços entre locais e visitantes num objetivo comum, a conservação da natureza e da biodiversidade açoriana.